MANDIOCA

As lavouras de mandioca são caracterizadas pela rusticidade. A idéia de que se estaria iniciando, em 1985, a recuperação da atividade não possui sustentação, visto que não houve alterações nos fatores que acarretaram a decadência do cultivo, iniciada há anos.

A produção estimada para a atual safra é de 23 milhões de t, o que significa um acréscimo de 9% relativamente à do ano passado, que está sendo interpretado como um sinal de recuperação da lavoura. Nos últimos dez anos, houve decréscimos em série da área colhida, ao tempo que a produtividade agrícola manteve-se inalterada, resultando em contínua queda da quantidade produzida (ver Quadro 02).

A hipótese de uma possível retomada dos níveis de produção do passado não parece factível, já que permanecem inalterados os fatores que vêm determinando a decadência da atividade. Em verdade, o atual aumento da produção ocorreu como uma resposta ao estímulo provocado por breve elevação dos preços no período de plantio deste ano. Durante a colheita do ano passado, os preços da raiz e seus derivados reagiram diante de um momentâneo déficit de oferta, resultante dos efeitos da seca no Nordeste e das cheias que atingiram algumas áreas produtoras da região Sul. A escassez da farinha de mandioca no Nordeste, onde seu consumo é elevado, ampliou temporariamente o mercado para o produto do Sul.

Em virtude dos altos preços da mandioca, que prevaleceram até meados de 1985 (ver Gráfico 05), surgiram novos produtores, muitos sem qualquer experiência anterior. Na média, o rendimento físico manteve-se baixo, apesar de registrar alguma melhora, que pode ser creditada, especialmente na região Sul, a um maior cuidado nos tratos culturais, na seleção de mudas, no melhor preparo do solo e no combate mais racional às ervas concorrentes.

As condições climáticas, nesta safra, também foram propícias em quase todo o país, exceto em alguns estados nordestinos, onde a elevada umidade do solo provocou o apodrecimento de raízes. A rigorosa estiagem que atingiu áreas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, no segundo semestre, não chegou a prejudicar a safra atual, mas, na seguinte, poderá reduzir o rendimento agrícola, pois caiu a qualidade do material armazenado para o plantio, o qual será feito com atraso (normalmente ocorre entre setembro e outubro).

É possível que, com a seca no Centro-Sul e a elevação do preço do milho, cresça a possibilidade de maior utilização da mandioca em rações, o que poderá provocar ligeira recuperação dos preços.

No tocante aos preços mínimos, revelam que há interesse governamental no apoio à lavoura, pois o reajuste se deu em nível equivalente ao da elevação da inflação (216,6%). Assinale-se que, na safra anterior, o reajuste do preço-base tinha sido ainda mais elevado (270%), o que se explica por se encontrar, então, muito defasado relativamente ao mercado. No entanto, devido ao baixo patamar sobre o qual foram dados os reajustes dos dois últimos anos, o preço de garantia do produto é ainda considerado insuficiente.

São, ainda, necessárias medidas que garantam a efetiva ampliação do mercado para os produtos derivados da mandioca e, por não terem sido adotadas, os preços pagos aos

QUADRO 02 – BRASIL – PRODUÇÃO DE MANDIOCA – 1976-85

ANO	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO FÍSICO (t/ha)
1976	2.093.638	25.443.053	12,15
1977	2.175.525	25.929.484	11,92
1978	2.148.707	25.459.408	11,85
1979	2.111.052	24.962.191	11,82
1980	2.015.857	23.465.649	11,64
1981	2.067.253	24.516.360	11,86
1982	2.122.029	24.072.320	11,34
1983	2.061.203	21.847.892	10,60
1984	1.815.539	21.289.147	11,73
1985[1]	1.885.995	23.257.778	12,33

FONTE – IBGE.
[1] Estimativa

produtores passaram a cair a partir de março último, sendo que, em setembro, já registravam queda de 31% em relação ao preço real médio de fevereiro.

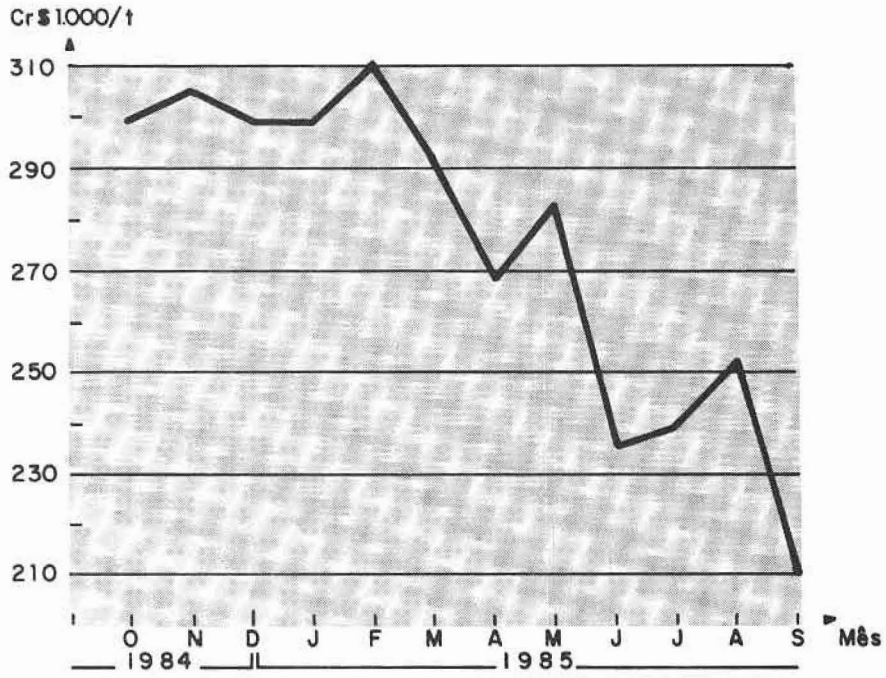
Até recentemente, alimentou-se a expectativa de que, com o anunciado fim do subsídio ao trigo, abria-se espaço para um extraordinário crescimento da indústria de transformação da mandioca em raspa, favorecida pelo possível aumento de sua utilização na panificação. No entanto, esta esperança vem-se desvanecendo diante do abandono, pelo menos temporário, do objetivo de retirada da subvenção ao trigo.

Assim sendo, as maiores possibilidades da ampliação do mercado para a mandioca parecem concentrar-se nos resultados de uma política econômica mais distributiva da renda e da terra.

Em primeiro lugar, deve ser considerado que a implementação do atual programa de reforma agrária poderá possibilitar maior produção e consumo do produto. Pelo lado da produção, há o fato de que a mandioca é cultura rústica, essencialmente de pequena propriedade, que poderá ocupar parte das novas áreas de cultivo. Quanto ao consumo, ampliar-se-ia o mercado, na medida em que é na área rural que a mandioca e seus derivados encontram maior demanda. Segundo estimativa da **Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater)**, o consumo *per capita* de mandioca pela população rural é de 199 kg/ano, o que comprova a importância, para a cultura, de uma maior fixação de mão-de-obra no campo. Nos centros urbanos, o consumo *per capita* do produto está estimado em apenas 40 kg/ano. Também o efeito mais imediato de uma melhor distribuição da renda seria o aumento do consumo de determinados alimentos, como o dos derivados de mandioca. Para o presente, ressalte-se a importância do **Programa de Alimentação Popular (PAP)**, que, em sua cesta básica, inclui a farinha de mandioca.

BRASIL – PREÇO MÉDIO REAL[1] DA RAIZ DE MANDIOCA NO NÍVEL DO PRODUTOR

GRÁFICO 05



FONTE – FGV/IBRE/CEA

[1] corrigido, pelo IGP-DI, para setembro de 1985.

Contudo, mesmo que os propósitos declarados de uma distribuição mais eqüitativa da terra e da renda sejam efetivamente implementados, seus efeitos ainda tardarão. A curto prazo, a cultura da mandioca deve permanecer desempenhando papel secundário na agricultura brasileira.

A falta de maior segurança frente ao mercado e a permanente oscilação dos preços fazem o produtor reagir negativamente a melhorias em suas plantações.

